

# A ética da psicanálise hoje

Cláudio Laks Eizirik<sup>1</sup>

---

Agradeço o amável convite de Ana Sabrosa, Bernard Miodownik, Nazli Sasson e da SBPRJ para esta aula de abertura dos cursos de 2023, com um tema que está no próprio cerne da teoria, da clínica e da vida institucional da psicanálise, bem como de sua relação com o mundo em que vivemos.

Ao saudar os analistas em formação e as/os colegas e amigos de várias gerações da SBPRJ, desejo recordar a querida Sonia Eva Tucherman que, dentre outras qualidades, era uma analista essencialmente ética.

A dimensão ética diz respeito ao campo de nossas relações conosco mesmos e com os outros, mediada, explícita ou implicitamente, por códigos de prescrições e proibições, que visam a legitimar padrões de conduta. Mais especificamente, a ética envolve os seres humanos em relações reflexivas, consigo mesmos e com os outros. A figura metafórica da dimensão ética é a casa, o lar, o espaço em que vivemos. Etimologicamente, *ethos* é a raiz de hábito, práticas, caráter, residência. O lar é um lugar de abrigo, contendo as condições para a possibilidade de proteção, alimentação e prazer. Tomar posse de nosso trabalho é adquirir alguma forma de serenidade em experimentar a vida fora desse abrigo, viver os desafios e as possibilidades de uma dupla condição de existência, sendo jogados num mundo que não foi escolhido e reconhecer a necessidade de construir, ao mesmo tempo, um mundo interno e um mundo externo nos quais viver. As relações com os outros são construídas nessa mediação, em que há, ao mesmo tempo, confiança e risco, diferenciação e proteção, responsabilidade e desafios (Figueiredo, 1995).

Assim, vou utilizar essa metáfora de lar, de casa, de espaço em que vivemos, num sentido psicanalítico: vivemos num mundo externo e num mundo interno; na nossa mente e no nosso corpo; no passado e no presente; nos so-

---

1. Membro Efetivo e Analista Didata da SPPA; Professor Emérito de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

nhos que sonhamos enquanto dormimos ou estamos acordados; nas relações amorosas que tivemos ao longo da vida, que temos hoje e que fantasiemos ainda ter ou nunca ter tido; nas vidas, nas fantasias, nos sonhos e nas lembranças que compartilhamos com nossos pacientes; no método psicanalítico; em nossas instituições; nas cidades em que vivemos, ontem e hoje, ou viveram nossos pais e antepassados, ou que apenas imaginamos, e assim por diante.

A ética, como sabemos, tem sido, ao longo da história, um tema de reflexão por inúmeros filósofos e pensadores, dos quais destacarei algumas ideias que me parecem relevantes para a psicanálise.

Para Aristóteles (1987), a ética compreende três aspectos: a *phronésis*, que significa sabedoria e competência; *arété*, honestidade e sinceridade; e *eunoia*, que inclui gentileza, boa vontade e complacência.

Muitos séculos depois, Foucault (1994) destacou que não é possível cuidar de si sem se conhecer; o cuidado de si é o conhecimento de si – buscando fundamentos em Sócrates e Platão –, mas também o conhecimento de regras de conduta ou princípios que são, ao mesmo tempo, verdades e prescrições. Cuidar de si é se apropriar dessas verdades. A pessoa que tem um belo *ethos* (que se traduz pelos hábitos, pelo porte, pela maneira de caminhar, pela calma com que responde aos acontecimentos), que pode ser admirada e citada como exemplo, é alguém que pratica a liberdade, mas para isto é preciso um trabalho de si sobre si mesmo.

A tarefa mais importante, segundo este autor, é desafiar o modo como pensamos e nos pensamos, frutos de uma complexa rede de práticas sociais e técnicas de autoconhecimento de si e dos outros, que foram dando forma a diferentes modos de existência. Foucault (1994) utiliza o conceito de cuidado de si para pesquisar o modo pelo qual um sujeito pode se constituir. Encara a questão do cuidado de si como uma forma de síntese, como um cruzamento entre a história da subjetividade e a análise das formas de governabilidade: o governo de si por si, em sua articulação com as relações com os outros – formas éticas de relacionamento.

Foucault (1994) destaca que, para os gregos, não é por cuidar dos outros que uma pessoa é ética. O cuidado de si também é ético em si mesmo, porém implica relações complexas com os outros. Além disto, o cuidado de si implica também uma relação com um outro, uma vez que, para cuidar bem de si é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Não se deve fazer passar o cuidado dos outros na frente do cuidado de si; o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, pois a relação consigo mesmo é ontologicamente primária (Eizirik, M. F., 2013).

Outro filósofo que pensou a ética foi Lévinas (1961), enfatizando a importância do cuidado, do respeito e da responsabilidade para com o outro. Sua proposta evidencia uma tentativa de sair do ser, rompendo com o círculo tradicional da filosofia clássica, que não concebe o outro como relação. Lévinas não recua face às desafiadoras e conflitantes realidades sociais, políticas, religiosas, econômicas e étnicas, marcadas fortemente pela ausência de uma ética como responsabilidade. Sua postura humanista enfatiza que somos responsáveis pelo outro, que está exposto em sua nudez à violência, à dor, à fome, à morte e ao extermínio produzidos pela ganância exacerbada do ter e do poder.

Desenvolve uma ética do cuidado, numa sociedade pluralista e individualista. Lévinas (1961) gostava de citar uma frase de Dostoiévski (2009): “Somos todos culpados de tudo e de todos ante todos, e eu mais que os outros” (p. 319). Sua ética radical da responsabilidade pelo outro não exige qualquer reciprocidade. É só através dessa responsabilidade total e infinita que o eu pode se despojar de seu imperialismo dominador e acolher o outro. Mas essa responsabilidade, que coloca o egoísmo do eu pelo avesso, não o destrói. Ao contrário, ela é o testemunho do lugar central que ocupa dentro da ética a pessoa que não é ela mesma a não ser se colocando no lugar do outro (tomando como suas as faltas e sofrimentos do outro), o que ninguém poderia fazer em seu lugar.

Esses elementos da ética recém-sumarizados (o cuidado de si e do outro, a responsabilidade pelo outro, a necessidade de um mestre ou um guia, as qualidades descritas por Aristóteles) estão presentes, implícita ou explicitamente, sob várias formas, por exemplo, nos trajetos da pulsão e em suas diferentes possibilidades de satisfação ou frustração, na tensão entre o narcisismo e o amor objetal, na luta entre o princípio do prazer e o da realidade, nas oscilações e conflitos que percorrem a obra de Freud, ou ainda no que Melanie Klein descreveu como as dramáticas oscilações entre as posições esquizo paranoide e depressiva e, mais especificamente, na maneira de definir a maturidade emocional como consistindo na capacidade de tolerar e admirar as realizações dos outros, principalmente os nossos pares, e até se identificar com elas, sem ser invadido por um excesso de inveja, com sua natureza maligna e destrutiva.

Os aspectos da alteridade como centrais para a ética foram estudados por Laplanche (1997) como o primado do outro, ou descritos por André Green (2007), para quem os cristais do material analítico revelam diferentes eixos, dentre os quais destaca: 1. O corpo e suas impregnações eróticas ou destrutivas; 2. O modo como pretende fazer vir a si a graça que pretende dizer; 3. Os registros que participam do discurso, o pensamento-afeto, ao lado do pensamento

conceito; 4. As circulações, intrincações, anastomoses das vias que levam ao outro; 5. A direção ao objeto, pois é através do objeto que a pessoa chega ao seu corpo como ao mundo; 6. As figuras do outro que correm o risco de sucumbir à tentação da desencarnação.

## **A visão de alguns autores sobre a ética psicanalítica**

Em várias passagens de sua obra, Freud (1915/1974, 1933/1976) destaca que, construída sobre a renúncia à satisfação instintual, a civilização cobra de cada pessoa a mesma renúncia, destacando que nossa consciência não é o juiz inflexível que os professores de ética declaram, mas é, em sua origem, ansiedade social e nada mais. Estudando os primórdios da civilização, a origem e a natureza da consciência moral no homem e o preço pago em termos de sofrimento e adoecimento psíquico pelas interdições e renúncias instintuais que tornam possível essa mesma civilização, afirma que a ética é uma limitação do instinto. Compara essa situação à de uma pessoa que vive acima de seus próprios meios, descrevendo-a como hipocrisia; considera, assim, que a civilização está alicerçada sobre essa hipocrisia, como a favorece; caso contrário, mudanças extensas teriam que ocorrer. A conclusão inevitável é que a civilização repousa sobre uma base muito duvidosa, é frágil e instável, como vemos continuamente, aliás, nas salas de análise, nas famílias e nos grupos sociais e nas diferentes nações, como estamos testemunhando a cada dia, tanto hoje como ao longo da história da humanidade.

À medida que sua teorização evoluía, Freud deu cada vez mais destaque à pulsão de morte ou destrutividade, como desenvolveu André Green (2007). A consideração e o respeito pelo outro, e pela própria espécie, são estranhos a este aspecto do ser humano, provocando grande desilusão posterior. Outro elemento destacado por Freud (1937/1974), que tem a ver com a ética, é que o trabalho analítico está fundado sobre o amor e o reconhecimento da verdade.

Bion (1962/1991) levou essa questão além: em seu modelo digestivo de mente, considera a verdade como o alimento do aparelho para pensar que, sem ela, sofre de inanição. Ora, essa convicção acaba por se transformar em um imperativo ético que vale para o nosso relacionamento com o paciente e conosco mesmos. Mas a verdade, como diz Mondrzac (2012), precisa de condições para ser recebida e contida, senão sua imposição pode ser um ato de violência. Assim, o amor à verdade precisa estar associado à consideração pelo outro, para que seu uso não se transforme numa arbitrariedade.

Outra contribuição relevante de Bion, que Sandler (2012) considera mais frutífera que a de Freud sobre as pulsões, é uma divisão entre narcisismo e socialismo, cujas tendências são iguais em quantidade e opostas em sinal: essa bipolaridade dos instintos refere-se a sua operação como elementos de satisfação da vida do indivíduo como tal e a sua operação como elementos na sua vida social ou, como descreveria Aristóteles, como um animal político.

Os dois polos fazem com que a situação de conflito seja ubíqua, pois o socialismo do paciente o ameaça como indivíduo, enquanto o grupo requer que ele se subordine a objetivos que se situam fora de sua personalidade, o que é especialmente verdadeiro com respeito à agressão. E Bion se pergunta: será também quanto à moralidade? E que faz o paciente ser impelido a direções conflitantes, pois seu ponto de vista moral individual conflita com o que ele mantém como membro do grupo?

Segundo Meltzer (1992), os traços principais de uma postura ética compatível com os princípios psicanalíticos consistiriam em seguir, não conduzir, na busca da (inalcançável) verdade; construir e preservar um enquadre no qual isso possa ocorrer; possibilitar a evolução do paciente sem impor-lhe metas; buscar o significado e não o exercício do juízo moral sobre a conduta; estar preparado para o sacrifício pessoal da busca dessas aspirações, sem impor aos outros esses sacrifícios; restringir a influência de si mesmo sobre o paciente à clareza que a comunicação irradia e não à ação; falar de forma verdadeira.

Ogden (2005) destacou alguns valores que considera fundamentais para a prática da psicanálise, e que favorecem a busca da verdade e da autenticidade do paciente. Considera que essas capacidades, das quais não se pode abrir mão, se a psicanálise é nossa meta, são: ser humano, ser capaz de enfrentar a verdade, ser responsável, ser capaz de pensar em voz alta, de não saber e de sonhar.

Num trabalho em defesa de certa ética imprescindível, Mondrzac (2012) busca elencar invariantes da ética psicanalítica, se é que existem, que deveríamos manter em qualquer tempo e em qualquer cultura: “Um analista precisa ser uma boa pessoa; ter um respeito visceral pela verdade; acreditar na existência de processos inconscientes; ser neutro; não transgredir” (p.18-24)

Para outro autor contemporâneo, Milmaniene (2012), que se inspira nas ideias de Lévinas, a ética consiste em assumir com dignidade esse destino obrigatório que nos conduz ao encontro do Outro e não ao eterno retorno sobre si mesmo, a partir da visão inaugural de seu rosto, tendo por horizonte a fidelidade à autoridade do simbólico depurado.

## **Um olhar pessoal sobre a ética psicanalítica**

Como um analista que se aproxima de sua oitava década, lanço um olhar retrospectivo sobre minha própria trajetória e tento contextualizar e colocar em palavras as vastas emoções e pensamentos imperfeitos que me acompanham ao longo do ciclo vital analítico. Dois aspectos chamam a atenção: as transformações e evoluções em minha visão da psicanálise e um olhar mais pessoal sobre o que me parece essencial no seu exercício e na sua ética.

Sobre minha visão da psicanálise, observo que a noção de um campo analítico, a partir do trabalho pioneiro dos Baranger (1961-2), em que as interações das mentes do analista e do paciente ocupam nossa atenção e observação, sem negar a inevitável assimetria, é uma importante mudança paradigmática; que a presença do analista na pólis é uma realidade inegável, que a nova configuração trazida pela pandemia, a análise à distância, se tornou algo presente na vida de todos os analistas, que a escuta analítica merece uma consideração mais detida, e que após milhares de horas de voo pelos mais diversos cenários dos dramas da existência humana, é possível ter uma visão mais realista, menos idealizada ou pessimista, sobre os inegáveis alcances e as inevitáveis limitações da psicanálise.

A seguir, vou descrever qual é minha atual visão do exercício e da ética psicanalíticos hoje.

## **A psicanálise é, ao mesmo tempo, uma ciência e uma arte**

Existem elementos de uma ciência na psicanálise, como seus fundamentos teóricos, sua teoria da técnica, o próprio método analítico com suas invariantes, sua capacidade de ser replicada e produzir efeitos terapêuticos, transformações ou mudança psíquica. E elementos de uma arte, que fazem de cada relação analítica algo único e irrepetível, de cada sessão analítica sempre algo potencialmente surpreendente e imprevisível, de cada momento da sessão algo que é construído por duas mentes, que buscam estar vivas e criativas. Essa natureza imprevisível, ao mesmo tempo em que a simplicidade e a estabilidade necessárias, levaram Meltzer (1967, 1988) a destacar a misteriosa função da criatividade que pode surgir na relação analítica e seu impacto estético, e Ogden a dar a um de seus livros o título de “Esta arte da psicanálise” (2005). Assim, uma postura ética me parece aceitar nossa inevitável oscilação entre esses dois campos, sem precisar negar a complexidade dessa dupla condição.

## **A psicanálise é um tratamento**

Nunca é demais destacar que estamos falando de um tratamento, e como tal é preciso considerar indicações, motivação, contraindicações, psicopatologia, disponibilidade emocional e experiência clínica de cada analista para aceitar e dar início à análise de cada paciente. No que se refere aos analistas em formação, penso que sua análise pessoal é o elemento central da formação analítica. Trata-se sempre de uma análise que requer do analista bastante experiência, profunda identidade analítica e identificação com a psicanálise, e uma grande disposição à maternidade, como descreveu Chasseguet-Smirgel (1988): a capacidade de esperar, acompanhar que se forme e desenvolva um campo analítico, escutar as diversas expressões do inconsciente e as vicissitudes da formação, e que algum dia nasça uma nova analista. E, da analista em formação, paciência, esperança, coragem para mergulhar no seu próprio inconsciente, tolerância com o não saber e capacidade de ouvir, sentir e pensar sobre aspectos desconhecidos de si mesma e que provocam vergonha, culpa, ódio e todas as emoções amorosas e destrutivas que nos habitam.

## **A responsabilidade do analista é de cuidar e de estimular a individualidade, a subjetividade, o desejo e as escolhas de cada paciente**

Toda pessoa que procura análise encontra-se num estado de grande desamparo e fragilidade emocional, em que a idealização e a busca de soluções mágicas costumam dominar a relação analítica. Tanto nesse período inicial, como nos posteriores, a função do analista é a de um objeto transicional na vida do paciente, ajudando-o, como diriam os gregos, conforme Foucault, ou o próprio Freud, como uma espécie de guia acompanhante na escalada de uma montanha. Ou como Virgílio, que acompanhava Dante, na “Divina comédia”, em seus percursos pelos infernos, o purgatório e alguns paraísos possíveis.

## **A responsabilidade do analista é de cuidar de sua própria mente e de seu próprio corpo, e de se manter atento ao seu inevitável narcisismo e seu desejo de interferir e moldar as vidas de seus pacientes, tendo um olhar contínuo sobre a sua neutralidade possível**

Meltzer (1967) descreve a prática da psicanálise como um ato ao mesmo tempo artístico e atlético. Destaca a importância da condição do analista, diferente de sua habilidade, seu conhecimento ou seu caráter. De acordo com ele, da mesma forma que a condição de um atleta se baseia no seu constante treinamento, e a de um violinista em sua prática, nossa condição deve se basear numa programação diária, semanal, e assim por diante, de atividades que visem a uma performance de qualidade. Deve haver um princípio guia, próximo do limite, equilibrando estabilidade e simplicidade.

Um dos elementos que protege essa condição é a neutralidade analítica, que está presente explicitamente tanto nos nossos códigos de ética como nas distintas teorizações sobre a postura ética do analista. Este é um conceito controverso, mas creio ser um elemento central da postura analítica. Para mim (Eizirik, C. L., 1993, 2021), a neutralidade analítica é a posição, tanto comportamental quanto emocional, a partir da qual o analista, em sua relação com o paciente, observa, sem perder a necessária empatia, mantendo certa distância possível em relação: 1. ao material do paciente e a sua transferência; 2. à contratransferência e a sua própria personalidade; 3. aos seus próprios valores; 4. às expectativas e pressões do meio externo e 5. à(s) teoria(s) psicanalítica(s). Tal posição não implica ausência de espontaneidade ou naturalidade, mas o reconhecimento de que a manutenção de certa distância possível em relação a esses cinco aspectos é o elemento que nos permite contato e comunicação crescentes e mais profundos com o mundo interno do paciente, com o objetivo de atingir os fins terapêuticos a que ambos nos propomos. Certa distância possível é uma expressão propositalmente ambígua. Admite a necessidade de uma distância, mas reconhece que é relativa; ao mesmo tempo, com o possível, pretende-se enfatizar que estamos tratando de uma posição constantemente ameaçada, por influências internas e externas, e que tentamos manter dentro das possibilidades (Eizirik, C. L., 1993).

Cabe hoje também considerar o analista como pessoa e cidadão, e discutir um problema que afetou o movimento psicanalítico ao longo de sua história, que foi a confusão entre a possível neutralidade dentro do *setting* e a nossa vida na pólis, como se a primeira impedisse a segunda. Diversos erros, omissões, covardias e silêncios ocorreram ao longo de nossa história institucional, utilizando de forma racionalizada essas prescrições, ou melhor, recomendações técnicas, que Freud sempre foi muito cauteloso ao caracterizar que se aplicavam a sua própria individualidade e não poderiam ser generalizadas dogmaticamente.

Assim, para mim, cada analista, ou cada cidadão, tem pleno direito de expressar suas posições ideológicas, políticas, religiosas, futebolísticas, artísticas ou



quaisquer outras, e cada instituição psicanalítica pode e deve, quando assim decidir, manifestar-se na cena pública, como tem feito de forma admirável a IPA, a FEPAL e a Febrapsi e nossas instituições locais, bem como tantas outras. Reconheço a liberdade de cada pessoa ou de cada analista, de querer ou não querer, de gostar ou não gostar, de se manifestar abertamente, e este é um direito inalienável.

Poderíamos dispensar este conceito? Sim, poderíamos, mas aí perderíamos uma das palavras que todos os analistas conhecem, e com isto uma forma de diálogo e comunicação. Inúmeros autores, há décadas, têm reconhecido a natureza ambígua e problemática desta noção, e isto os levou a adjectivá-lo, como a “neutralidade benevolente”, de Loewald (1960) a “neutralidade compassiva”, de Greenson (1967), a “neutralidade técnica”, de Kernberg (1980) E a “neutralidade possível”, por que não?

Afinal, não podemos ou não conseguimos ficar ou ser neutros face ao sofrimento psíquico, às diversas e quase infinitas expressões da pulsão de morte e da destrutividade, nem às variadas e emocionantes manifestações da beleza, da criatividade e do muitas vezes inacreditável espírito humano que resiste, corajosamente, aos ataques externos e internos, e ressurge disposto a continuar essa tarefa infundável de viver e de buscar o prazer e o convívio.

### **A formação de novos analistas, com o rigor e o cuidado necessários, é uma responsabilidade ética das instituições e dos seus membros**

A formação analítica é uma área que encerra inúmeros desafios éticos às nossas instituições e aos colegas envolvidos nessa tarefa, que inclui as chamadas profissões impossíveis por Freud: educar, governar e analisar. Uma formação sólida necessita de procedimentos claros e objetivos, que sejam do conhecimento de todos, critérios de seleção e avaliação contínua de professores e alunos, currículos consistentes e ao mesmo tempo flexíveis para incluir novos desenvolvimentos, estímulo à participação dos analistas em formação, inclusão de novos autores e ideias produzidas, tanto na literatura psicanalítica, quanto nas áreas científicas e humanísticas. Também é necessário discutir, revisar e modificar critérios de seleção, numa atitude inclusiva e acolhedora das diferenças e da capacidade de ouvir o outro.

A função de nossas instituições nessa delicadíssima tarefa lembra as noções de Winnicott (1951) sobre a dupla mãe-bebê, a responsabilidade materna primária, as tarefas de integração e personalização. A unidade formada pela

dupla mãe-bebê possibilita o movimento em direção à constituição do *self*. Essa ação, o gesto espontâneo, nasce do *self* verdadeiro, sendo sua expressão no mundo, podendo ser criativo e sentir-se real.

### **A confidencialidade com o material dos pacientes, com os temas tratados em reuniões de avaliação e com a vida institucional, é uma responsabilidade ética compartilhada por todos**

O Relatório do Comitê de Confidencialidade da IPA de novembro de 2018 afirma que ela é um dos fundamentos da psicanálise, afirmado pela IPA em seu Código de Ética, e isso tem consequências, tanto para a IPA como organização profissional, quanto para seus membros individuais. A confidencialidade é uma questão tanto de ética quanto de técnica. É essencial para o bem-estar e desenvolvimento futuro da psicanálise, bem como para o bem-estar e benefício dos pacientes. Garantir a manutenção da confidencialidade pode ser uma tarefa complexa, difícil e desafiadora. O Comitê considera que em nossa cultura profissional atual existem lacunas entre a teoria e a prática do sigilo, pois sabemos, mesmo que apenas de forma anedótica, que na prática psicanalítica atual o rigor com que o sigilo é mantido é altamente variável.

Neste relatório, foram descritos riscos à confidencialidade em três áreas: 1. compartilhamento de material clínico com colegas, que é para o benefício de pacientes individuais e de pacientes em geral, mas que pode entrar em conflito inevitável e, em última análise, insolúvel com a necessidade de preservar a confidencialidade; 2. telecomunicações e uso de tecnologia, especialmente, mas não exclusivamente, em “análise remota”, que está criando novos riscos para os quais apenas proteção parcial é possível; 3. solicitações de pacientes e de terceiros para acesso às anotações do processo, em que considerações éticas e técnicas correm o risco de serem subordinadas às legais ou políticas.

Além disso, em todas essas três áreas, surgem problemas relativos à possibilidade de obtenção do “consentimento informado”, dadas as complicações decorrentes da transferência em qualquer situação psicanalítica e da inerente imprevisibilidade do conteúdo psíquico inconsciente em todas as etapas de uma análise.

A recomendação geral do Comitê de Confidencialidade é que a IPA promova e fortaleça uma cultura de confidencialidade em todos os aspectos de suas operações.

## Considerações finais

Se a noção de *ethos* inclui os significados de ser, fazer, residir, costumes, práticas, e se as várias visões da ética que destaquei enfatizam o cuidado de si e a responsabilidade pelos outros, podemos seguir dois caminhos: o da prescrição, que nos leva a códigos de procedimento, tão necessários quanto potencialmente superegoicos; e o da busca de compreensão do que seria, afinal, a ética psicanalítica e onde ela se encontra nos fundamentos da IPA. Neste segundo sentido, que foi o que privilegiei aqui, penso que a noção de preocupação e cuidado consigo e com o outro é tão central quanto a de responsabilidade.

Observamos o conflito entre o narcisismo e as relações objetais, ou entre o imperialismo do eu dominador e o acolhimento do outro, como diria Lévinas (1961). Esses aspectos emergem claramente, por exemplo, na história da psicanálise, quando vemos Freud e seus colegas buscando chegar a um acordo para criar a IPA, e os fatos, conflitos e soluções encontradas para estabelecer, desenvolver e manter cada nova instituição psicanalítica por todas as regiões do mundo. Um elemento comum entre esses primeiros momentos e as etapas sucessivas é justamente essa relação dialética entre tentativas de organização e ruptura, preocupação com a associação e seu desmembramento, a busca de elementos comuns e a negação de qualquer possibilidade de convivência com o outro, o diferente, o estrangeiro, entre tentativas de ligar e desligar, como diria Green (Eizirik, C. L., 2011, 2023).

Se há algo que podemos aprender acompanhando nossa história centenária, que é realmente apenas um fragmento da grande história de ideias revolucionárias que moldam a mentalidade humana e lhe dão sentido, penso que os fundamentos éticos da IPA e de todas as sociedades a ela filiadas encontram-se no árduo trabalho diário que nos faz enfrentar desilusões, regressões, conflitos, limitações, resistências e obter inegáveis ganhos e mudanças psíquicas nesse processo interminável de cuidado e aceitação de uma responsabilidade compartilhada pelo outro, esse outro que não é apenas o paciente em análise, mas o próprio objeto psicanalítico, em sua dimensão teórica, clínica, institucional e como forma de pensar a cultura.

A forma como cuidamos e nos responsabilizamos por este objeto elusivo, estimulante, tantas vezes frustrante, sempre exigente, que por vezes também nos mostra o seu esplendor e a sua capacidade de produzir beleza e de reduzir o sofrimento psíquico, em cada campo analítico e em cada experiência institucional, é talvez a melhor forma de exercer a ética psicanalítica hoje.

## Referências

- Aristóteles (1987) *Ética a Nicômaco*. In Coleção Os pensadores, São Paulo, Abril Cultural (publicado originalmente em 300 a.C.)
- Baranger, W. & Baranger, M. (1961-62). La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 4 (1), 3-54.
- Bion, W. (1991). *O aprender com a experiência*. Imago. (Trabalho original publicado em 1962.)
- Chasseguet-Smirgel, J. (1988). *As duas árvores do jardim*. Artes Médicas.
- Dostoiévski, F. (2009) Os Irmãos Karamazov, São Paulo, Editora 34 (Publicado originalmente em 1880)
- Eizirik, C. L. (1993). Entre a escuta e a interpretação: um estudo evolutivo sobre a neutralidade psicanalítica. *Revista de Psicanálise da SPPA*, I(1), 19-42.
- Eizirik, C. L. (2011) L'étique aux fondements de l'ÁPI. In B. Chervet. et J.M. Porte, L' étique du psychanalyste. Paris, Presses Universitaires de France.
- Eizirik, C. L. (2021). Dear candidate. In F. Busch, *Dear candidate: Analysts from around the world offer personal reflections on psychoanalytic training, education and the profession*. Routledge.
- Eizirik, C. L. (2023). Developing, holding and containing new psychoanalytic groups. In G. Junkers, *Living and containing psychoanalysis in institutions*. Routledge.
- Eizirik, M. F. (2013). O cuidado de si: uma perspectiva filosófica. In C. L. Eizirik & A. M. Bassols, *O ciclo da vida humana*. Artmed.
- Figueiredo, L. C. (1995). Foucault e Heidegger: A ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar). *Tempo Social*, 7(1-2), 136-149.
- Foucault, M. (1994) L'étique du souci de soi comme pratique de la liberté In Foucault, M. Dits et Écrits. Paris, Gallimard, p.708-29
- Freud, S. (1974). Reflexões sobre os tempos de guerra e morte. In S. Freud, Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. XIV, Imago. (Trabalho original publicado em 1915.)
- Freud, S. (1974) Análise terminável e interminável. In S. Freud Edição *standard* Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol.XXIII, Imago. (Trabalho original publicado em 1937.)
- Freud, S. (1976). Por que a guerra? In S. Freud, Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. XVIII. Imago. (Trabalho original publicado em 1933.)
- Green, A. (2007). *Pourquoi les pulsions de destruction ou de mort?* Editions du Panamá.
- Laplanche, J. (1997) A primazia do outro em psicanálise. Paris, Flammarion
- Lévinas, E. (1961). *Totalité et infini : Essais sur l'exteriorité*. Martinus Nijhoff.
- Loewald, H. (1960) On the Therapeutic Action of Psycho-Analysis, *Int.J.Psycho-anal.*, 32:32-43
- Kernberg, O. (1980) Mundo Interior e Realidade Exterior. Rio de Janeiro, Imago Ed.

- Meltzer, D. (1967). *The psycho-analytical process*. William Heinemann Medical Books Limited.
- Meltzer, D. (1992). *Clastrum: una investigación sobre los fenómenos claustrofóbicos*. Spatia Editorial.
- Meltzer, D. & Williams, M. H. (1988). *The apprehension of beauty*. The Clunie Press.
- Mondrzac, V. (2012). Em defesa de uma certa ética imprescindível. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(1), 17-26.
- Milmaniene, J. (2012). Ética e moral na atualidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(1), 27-38.
- Ogden, T. (2005). *This art of psychoanalysis*. Routledge.
- Sandler, E. H. (2012). O plural no singular: uma contribuição à reflexão sobre ética e psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(1), 39-51.
- Winnicott, D.W. (1951) Objetos transicionais e fenômenos transicionais In Da pediatria à psicanálise. Rio de janeiro, Imago

Recebido: 03/05/2023

Aceito: 22/05/2023

---

**Cláudio Laks Eizirik**  
cleizirik@gmail.com